



XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã / Mídia Cidadã

GT3 – REDES SOCIAIS E ATIVISMO MIDIÁTICO

Características dos coletivos em redes sociais digitais contra a violência de gênero na universidade

Maria Inês Almeida Godinho
UNESP/Marília e UNIMAR – Universidade de Marília

Resumo:

Coletivos contra a violência de gênero e suas interseccionalidades nas universidades brasileiras são cada vez mais numerosos em redes sociais digitais. São criados com o objetivo de se tornarem canais de denúncia dos abusos físicos, morais e psicológicos que alunas e alunos vêm sofrendo, por parte de colegas, professores e funcionários. O propósito deste *paper* é mapear especificidades dessas ações sociais que fazem do ciberespaço um campo de enfrentamento às violências de gênero sofridas no espaço acadêmico, utilizando como objeto de análise coletivos ligados às três universidades estaduais paulistas: UNESP, USP e UNICAMP. Como metodologia foi utilizada a abordagem etnográfica aplicada às redes sociais, que apontou como características comuns aos coletivos a horizontalidade na gestão, a independência de partidos políticos e instituições, o caráter identitário das demandas, entre outras.

Palavras-chave: coletivos universitários; redes sociais; violência de gênero

Introdução

Cotidianamente são relatados em universidades brasileiras todo tipo de violências de gênero sofridas por estudantes: assédios sexuais e morais, agressões físicas e verbais, coações psicológicas, coerções, estupros e até mortes, cometidas por colegas e professores, e, em menor escala, por funcionários das instituições.

Na universidade, que deveria ser o local máximo de saber e aporte para a construção de uma sociedade mais justa e tolerante, o que se tem, na realidade, é a reprodução frequente da violência vivida para além de seus muros contra aqueles que não se encaixam no padrão de poder eurocentrado – homem, heterossexual e branco.

As denúncias de alunas e alunos, quando reportadas às instituições, ou não são levadas a sério porque se acredita que a culpa é sempre da vítima, ou são silenciadas por uma estrutura que acaba poupando os agressores por medo de exposição na mídia. Assim, já prevendo a

omissão das universidades, o habitual é que as vítimas se caleem, por medo de retaliações ou mais discriminação, e desse modo, a violência se perpetua.

A criação de coletivos universitários em redes sociais digitais como Facebook e Instagram é uma das estratégias com que estudantes tentam dar visibilidade às denúncias de violência de gênero sofridas no espaço acadêmico. Os coletivos aqui analisados foram criados para se portarem como um tipo de ação coletiva que Melucci (1997, p. 12) define como “intermediária” entre a estrutura em que se vive, que não consegue resolver os problemas, e o cotidiano da comunidade. Sua principal função seria, segundo o autor, “revelar o que um sistema não expressa por si mesmo: o âmago do silêncio, da violência, do poder arbitrário que os códigos dominantes sempre pressupõem”.

Aqui vamos elencar algumas das características dos coletivos universitários ligados às três universidades estaduais paulistas - UNESP, USP e UNICAMP -, presentes no Facebook e no Instagram e criados entre 2010 e 2020. São inúmeros – contabilizamos até agora 80 grupos, representando estudantes de todos os níveis acadêmicos e de direcionamentos diversos – feministas, negros, indígenas, orientais, LGBTQIA+ -, e quase sempre com uma abordagem interseccional.

Características dos coletivos *online*

Nesta análise é utilizada a abordagem etnográfica aplicada à pesquisa de comunidades que habitam o ciberespaço. Como a internet não deixa de ser um lugar onde a cultura é constituída e reconstituída, os estudos que seguem a perspectiva etnográfica no mundo virtual, também chamados de etnografia digital ou netnografia, enfocam, assim como no mundo *offline*, os contextos culturais dos fenômenos que ocorrem em suas comunidades. (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2015, p. 41).

Aqui são elencadas características comuns entre os coletivos analisados, e, também, diferenças quando comparados aos antigos movimentos sociais. Em consequência da delimitação do espaço, não foi possível examinar de forma mais complexa e tampouco utilizar como exemplos uma gama maior de coletivos.

01) Caráter identitário das demandas

Em uma época caracterizada pela desconfiança nas instituições políticas e partidárias, as ações sociais grupais, a exemplo dos coletivos universitários contra a violência de gênero

aqui analisados, voltaram-se à criação de novos espaços de sociabilidade (MESQUITA, 2008, p. 179).

As recentes formas de mobilização social a partir do ciberespaço têm como característica básica as demandas ligadas à identidade do grupo e ao campo da cooperação e integração social. Como indica Gohn (2002, p. 41), “cada vez mais as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são”, principalmente os movimentos estudantis. São formas de organização mais centradas na subjetividade do grupo, perseguindo uma coerência entre os valores que defendem e a vivência cotidiana na universidade, como expõe PLEYERS (2018, p. 36):

Los jóvenes activistas de hoy son tan comprometidos como las generaciones anteriores, pero se organizan de manera más fluida y ponen la autonomía individual, la intersubjetividad y un “individualismo solitario” al centro de su manera de ser activistas. Esta individualización articula dos procesos: el distanciamiento de las organizaciones, y la centralidad de la relación con uno mismo y la subjetividad.¹

A reivindicação de vários aspectos da identidade – a exemplo da emancipação feminina e da discriminação racial ou de gênero - é uma constante dos coletivos em redes sociais digitais. Como aponta Castells (2003, p. 175), as ações coletivas na rede “pedem por autonomia, entendida como inserção social do sujeito, não individual, mas coletivo”. Têm como horizonte a construção de uma comunidade inclusiva e o reconhecimento da diversidade cultural, por isso os temas sobre multiculturalidade são muito presentes em seus *posts*.

Para Gohn (2013, p. 15), a identidade, claramente representada na “definição de um opositor e na fundamentação de um projeto de vida e de sociedade”, é a característica que mais diferencia os movimentos sociais atuais dos movimentos do passado.

É o que vemos nos coletivos contra a violência de gênero na universidade, que expressam a identidade do grupo em suas imagens de perfil e capa nas páginas do Facebook e no Instagram. A partir delas, rapidamente podem ser percebidas quais suas demandas e como seus ativistas se relacionam com o espaço acadêmico, enfim, sua subjetividade, como atesta a página do Facebook do Camaleoa – Coletivo LGBT da ECA – Escola de Comunicação e

¹ “Os jovens ativistas de hoje estão tão comprometidos quanto as gerações anteriores, mas eles se organizam com mais fluidez e colocam a autonomia individual, a intersubjetividade e um “individualismo solitário” no centro de seu ativismo. Essa individualização articula dois processos: o distanciamiento das organizações e a centralidade da relação consigo mesmo e com a subjetividade” (tradução nossa).

Artes da USP², criada em 30 de julho de 2014, também presente no Instagram desde 23 de abril de 2021:

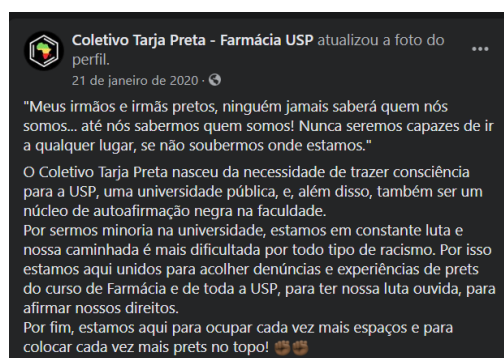
Figura 1 – Perfil e Capa do Coletivo Camaleoa



Fonte: Composição da autora a partir de imagens da página do Coletivo Camaleoa no Facebook³

O Coletivo Tarja Preta⁴, do curso de Ciências Farmacêuticas da USP, de orientação racial, apresenta sua demanda no texto de seu primeiro *post* no Facebook, datado de 21 de janeiro de 2020:

Figura 2 – Post do Coletivo Tarja Preta



Fonte: Página do Coletivo Tarja Preta no Facebook⁵

02) Independência

Diferentemente dos movimentos sociais do passado, o ativismo midiático dos coletivos digitais se caracteriza pela desvinculação a partidos políticos ou ideologias, se concentrando na luta por direitos fundamentais em seu local de vivência. São independentes de uma organização suporte porque atuam como redes de interação e compartilhamento de crenças e

² Coletivo Camaleoa – Facebook - <https://www.facebook.com/camaleoa.usp> / Instagram - @camaleoa.usp

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/camaleoa.usp/photos/a.919733591388056/4499639546730758>. Acesso: 02/02/2021

⁴ Coletivo Tarja Preta –Facebook - <https://www.facebook.com/tarjapretausp> / Instagram: @tarjapreta

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/tarjapretausp> / Acesso: 05/02/2021

valores que se sobrepõem a referências mais amplas como princípio organizacional, que predominavam nos antigos movimentos sociais.

03) Extensão das atividades presenciais

Muitos dos coletivos aqui analisados não foram criados originalmente nas redes sociais. São extensões de coletivos físicos que já existiam anteriormente em espaços da universidade, e que encontraram no ciberespaço uma oportunidade de dar maior visibilidade às suas demandas, além de criar chances de trocas de experiências com ativistas de outros locais. Com o advento das redes sociais digitais em 2004, com o já extinto Orkut, os coletivos transformaram essas plataformas em ferramentas privilegiadas para atuar, “informar, recrutar, organizar, dominar e contra-dominar”, como aponta Castells (2003, p. 167).

O Coletivo Genis⁶, de designação feminista, é uma das primeiras comunidades de denúncia das violências de gênero ocorridas no espaço acadêmico. Criado em julho de 2013 por alunas da Faculdade de Medicina da UNESP/Botucatu no espaço físico da universidade, o coletivo estendeu sua atuação para as redes sociais digitais em fevereiro de 2014 no Facebook, e em março de 2019 no Instagram.

Figura 3 – Perfil e capa do Coletivo Genis



Fonte: Composição da autora a partir de imagens da página do Coletivo Genis no Facebook⁷

Também é o caso do coletivo Feminista Lobas⁸, ligado à Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá da UNESP, que está presente no Facebook desde 2016 e no Instagram a partir de 2019, mas continua com as reuniões físicas, como consta na postagem inicial de sua página

⁶ Coletivo Genis - Facebook - <https://www.facebook.com/coletivogenis> / Instagram - @coletivogenis

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivogenis/photos/a.633059160077388/1545196755530286>. Acesso: 15/02/2021

⁸ Coletivo Feminista Lobas - Facebook - <https://www.facebook.com/coletivofeministalobas> / Instagram: @coletivolobas

no Facebook: “nos reunimos semanalmente e convidamos todas as manas da FEG a participar, compartilhar dores e entender um pouco mais sobre o universo do Feminismo!”. (2021)

04) Alternativa aos canais oficiais

O ciberespaço permite que indivíduos e grupos difundam sua versão dos fatos sem passar pela intermediação dos canais oficiais de instituições ou da grande mídia, pois oferece a comunicação de todos para todos, e não mais de um para todos, como acontece na difusão pelos meios de comunicação *offline*. Trata-se, como entende Lévy (1999, p. 244) da volta da antiga utopia da emancipação humana, onde é possível uma interação entre iguais, onde cada um contribui de forma própria; “um lugar virtual no qual as comunidades ajudam seus membros a aprender o que querem saber”.

Como também aponta o autor, “os freios políticos, econômicos ou tecnológicos à expressão mundial da diversidade cultural jamais foram tão fracos quanto no ciberespaço. O que não significa que essas barreiras sejam inexistentes, mas que são muito menos fortes do que nos outros dispositivos de comunicação” (LÉVY, 1999, p. 208).

05) Pautas variáveis

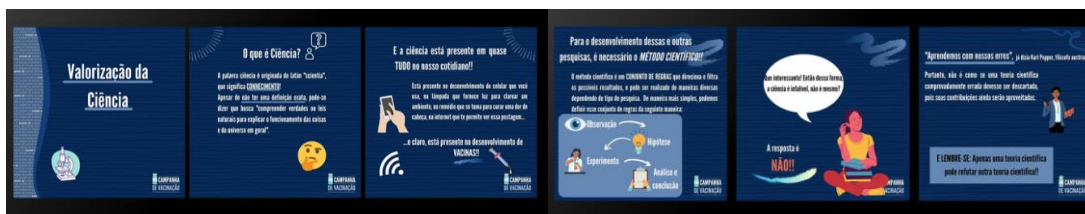
Apesar da clara denominação de sua demanda principal, os coletivos contra a violência de gênero em redes sociais são flexíveis em relação às pautas de discussão. Mas mesmo que não sigam uma pauta permanente, sempre giram em torno de uma política de inclusão. Dentre os coletivos analisados exemplos não faltaram nessa pandemia, com diversos *posts* cujo conteúdo remete aos cuidados com a transmissão do vírus da Covid-19, e até mesmo com a preocupação em acolher pessoas de necessitam de apoio emocional em consequência das angústias causadas pelo confinamento.

O Coletivo Tarja Preta, por exemplo, ainda no início da pandemia, divulgou em *post* de seu perfil no Instagram, em 20 de maio de 2020, chamada para uma roda de conversa em que se discutiria os transtornos provocados pela pandemia:

A roda tem o intuito de promover apoio emocional para o enfrentamento da COVID-19, não será um atendimento terapêutico, mas sim uma roda de acolhimento. Vai rolar dia 13.06 às 17hs. Um lugar seguro pra se descobrir e conhecer outras pretinhas nesse momento tão difícil. Se inscreve no *forms* para poder participar, corre lá o link tá na *bio*. (2020)

Em fevereiro de 2021 o mesmo coletivo criou uma campanha a favor da vacinação, compartilhada nas páginas da comunidade no Instagram e no Facebook, a partir de uma série de seis telas em formato carrossel com informações sobre os benefícios das vacinas:

Figura 4 – Post do Coletivo Tarja Preta



Fonte: Página do Coletivo Tarja Preta no Facebook⁹

06) Descentralização e horizontalidade

Os coletivos em redes sociais também se diferenciam dos movimentos sociais tradicionais, de acordo com Mesquita (2008), por serem descentralizados, ou seja, não contarem com uma hierarquia rígida, e sim com uma horizontalidade na tomada de decisões, apesar de muitos divulgarem uma equipe gestora, por assim dizer, como é o caso da Frente Feminista Limeira¹⁰, coletivo criado por estudantes da Unicamp, *campus* de Limeira.

Figuras 5, 6 e 7 – Posts do coletivo Frente Feminista Limeira



Fonte: Página da Frente Feminista Limeira no Facebook¹¹

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/tarjapretauasp/> / Acesso: 10/02/2021

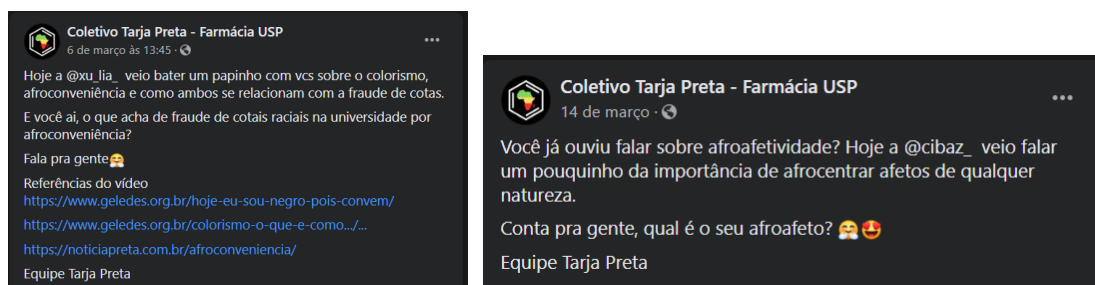
¹⁰ Frente Feminista Limeira - Facebook: <https://www.facebook.com/frentefem/> / Instagram: @frentefeminista_limeira

¹¹ Disponível: <https://www.facebook.com/frentefem/photos/pcb.2801657556772485/2801656313439276>. Acesso: 11/02/2021

A escolha dos ativistas pela participação em coletivos *online* e não em movimentos sociais organizados repousa justamente nessa característica: a estruturação. Os jovens, segundo Gohn (2016, p. 02) veem os antigos movimentos como “formas engessadas”, com estruturas centralizadoras, verticais. Para a autora, os coletivos em redes sociais são preferidos por não terem líderes, por se configurarem como um tipo de organização onde todos podem contribuir igualmente, pelo menos em muitos deles. Como destaca Lévy (1999, p. 203), essa característica é uma constante na rede, pois abriga “essencialmente processos de leitura e escrita coletivos, distribuídos e assíncronos”, que o autor denominou ‘inteligência coletiva’.

É o que se percebe nos coletivos universitários aqui analisados. O Coletivo Tarja Preta, já citado, tem seus *posts* assinados como “Equipe Tarja Preta”.

Figuras 8 e 9 - Posts do coletivo Tarja Preta



Fonte: Página do coletivo Tarja Preta no Facebook¹²

Mas, para Gladwell (2010) a horizontalidade não deve ser vista somente como ponto positivo. Ele afirma que a falta de hierarquia das redes de mobilização via internet cria vínculos frouxos, sem envolvimento efetivo, sendo esquecida quando a demanda mais urgente é resolvida ou quando é muito complexa, por isso alguns coletivos raramente perduram por longos períodos: “as redes sociais são eficazes para ampliar a participação — mas reduzindo o nível de motivação que a participação exige”. Essa é a outra característica que vamos abordar no próximo item.

07) Descontinuidade de atuação

Os coletivos em redes sociais digitais se distinguem por sua descontinuidade, porque, segundo Melucci (2007, p. 41), surgem em resposta a problemas específicos, caso das demandas desencadeadas por situações de violência de gênero nos *campi*.

¹² Disponível em: <https://www.facebook.com/tarjapretausp>. Acesso: 15/02/2021.

Criado em 25 de setembro de 2017 no Facebook, o coletivo Unesp Bauru Sem Assédio¹³, se manteve ativo durante alguns meses, mas está inativo desde 27 de setembro de 2018, data da última postagem. Normalmente os coletivos se mantêm ativos durante a permanência na universidade do grupo de estudantes responsável por sua criação, pois seus membros acabam se desarticulando quando finalizado o período de formação ou mesmo nos anos finais, quando as exigências curriculares são maiores. Poucos coletivos permanecem atuantes durante muitos anos. A exceção é o Coletivo Genis, da Faculdade de Medicina da Unesp/Botucatu, anteriormente citado, que publica *posts* quase diariamente.

08) Periodicidade instável

Os coletivos *online* não apresentam uma periodicidade estável de publicações. Nessa análise foi verificado um aumento na atividade nos meses relativos ao início das aulas, a exemplo do que acontece no já citado Tarja Preta, um dos coletivos universitários mais ativos no Instagram e no Facebook. No mês de dezembro de 2020 – férias acadêmicas - o Tarja Preta fez somente duas publicações. Uma delas no dia 05 de dezembro, como agradecimento aos palestrantes e participantes do evento “Vivência negra na USP”, realizado no dia 28 de novembro de 2020.

Figuras 10 e 11 - Posts do coletivo Tarja Preta



Fonte: Página do coletivo Tarja Preta no Facebook¹⁴

A segunda postagem aconteceu no dia 31 de dezembro, somente no Instagram, em forma de vídeo que continha uma mensagem de boas festas aos seguidores. Depois disso, as

¹³ Unesp Bauru sem Assédio - Facebook - <https://www.facebook.com/unespbaurusemassedio>

¹⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/tarjapretausp>. Acesso: 15/02/2021.

publicações somente retornam no dia 29 de janeiro de 2021, em um *post* sobre o amor afrocentrado:

Figuras 12 e 13 - Posts do coletivo Tarja Preta



Fonte: Perfil do coletivo Tarja Preta no Instagram¹⁵

Dia 07 de fevereiro foi feita a única publicação do mês nas duas redes sociais: as seis telas em formato carrossel sobre a campanha de vacinação. A próxima postagem aconteceu um mês depois - 06 de março no Instagram e no Facebook – em um vídeo onde uma das participantes discorre sobre colorismo, afroconveniência e como os dois conceitos se relacionam à distribuição de cotas nas universidades.

As publicações voltam a ser mais constantes no mês de março, início do período acadêmico: em 14 de março um vídeo sobre afroafetos e no dia 21 de março três *posts* sobre a valorização da ciência e notícias sobre novas descobertas relativas ao coronavírus.

09) Rede de apoio

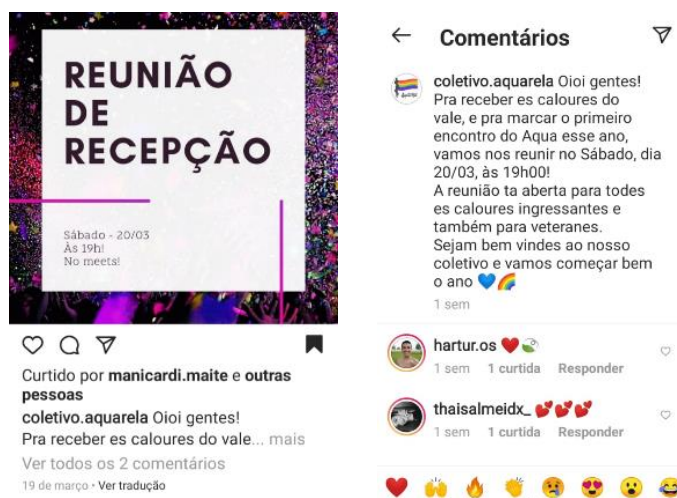
O acolhimento às vítimas de violência de gênero também é uma atribuição dos coletivos criados por universitários, visto que muitos estudantes preferem não denunciar por medo de retaliações do abusador ou pela desconfiança da instituição ou dos colegas, como destaca Bandeira (2017, p. 70): “resistir ao descrédito e as suspeitas que os jovens vivenciam quando têm coragem de denunciar publicamente e exigir providências, tem sido outra forma de apoio

¹⁵ Disponível em: @tarjapreta_usp

dados pelos coletivos, uma vez que as denúncias são, na maioria das vezes, pré-julgadas, com a minimização dos fatos”.

No início do ano letivo se percebe uma multiplicação considerável de *posts* sobre acolhimento de possíveis vítimas de violência de gênero e suas interseccionalidades. São direcionados às calouras e aos calouros, como visto nesta mensagem do Coletivo LGBT Aquarela¹⁶, da UNICAMP no Instagram em 19 de março de 2021:

Figuras 13 e 14 - Posts do coletivo Aquarela



Fonte: Perfil do coletivo Aquarela no Instagram¹⁷

11) Autoexpressão

Os coletivos em redes sociais digitais se revelam comunidades de autoexpressão, onde seus participantes podem se comunicar de maneira sincera e espontânea, em consequência do caráter de anonimato das redes digitais. No caso daqueles que se autodenominam feministas, vemos que essa particularidade se torna mais evidente, indo ao encontro da observação feita por Castells (2003, p. 446) de que “mulheres e outros grupos sociais oprimidos parecem tender a se expressar de forma mais aberta devido à proteção do meio eletrônico”.

Como exemplo temos os relatos compartilhados pelas participantes na página da comunidade “Ele é da USP”¹⁸ no Facebook. O coletivo assim se define:

Criada por alunas da USP, a página tem o intuito de expor abusos de quaisquer tipos contra as mulheres da Universidade de São Paulo. O nome foi

¹⁶ Coletivo Aquarela - Facebook: <https://www.facebook.com/Aquarela.LGBT> / Instagram: @coletivo.aquarela

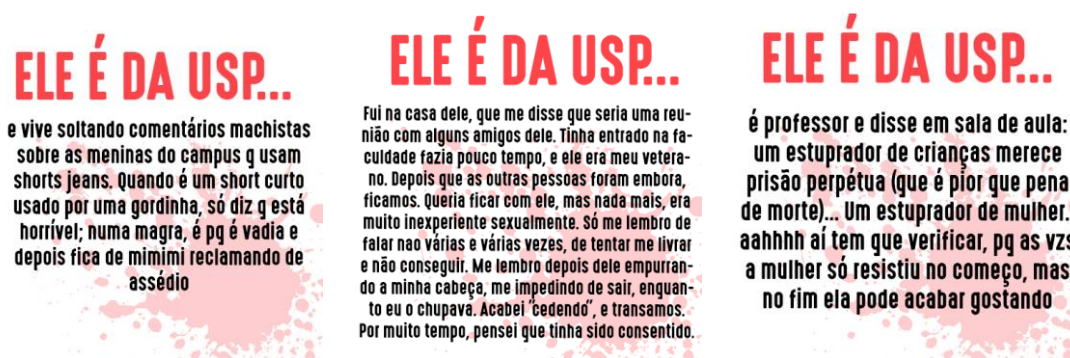
¹⁷ Disponível em: @coletivo.aquarela

¹⁸ Facebook: https://www.facebook.com/eleedaUSP/?ref=page_internal

pensado como uma forma de expor o que a USP realmente é: uma universidade (entre muitas) que tem problemas severos com os abusos provenientes do machismo do dia a dia. (...) **TODOS OS RELATOS SERÃO PUBLICADOS ANONIMAMENTE, PARA A SEGURANÇA DE TODAS AS MINAS.** (2021)

Nas telas postadas são apresentadas narrativas de alunas de diversos cursos da Universidade de São Paulo a respeito das violências de gênero sofridas nos *campi*, e que provavelmente não seriam compartilhadas em uma conversa presencial:

Figuras 13 e 14 - Posts do coletivo Ele é da USP



Fonte: Página do coletivo Ele é da USP no Facebook¹⁹

11) Abrangência

As comunidades virtuais *online* fazem uma dissociação entre localidade e sociabilidade. De acordo com Castells (2003, p. 145), trata-se de um novo modelo de relação social que substitui formas de interação limitadas territorialmente, abrindo, assim, oportunidades de integração e envolvimento ativo para pessoas que teriam suas vivências mais limitadas se não fosse esse tipo de acesso a experiências distantes fisicamente.

A maior abrangência proporciona a introdução de novas pautas de discussão entre os participantes dos coletivos *online*, trazendo para o grupo outras vivências e angústias. Desenvolvem-se, então, movimentos de intersubjetividade inéditos a partir de discursos que poderão gerar novos repertórios, “novos direitos, novas propostas de processos que poderão vir a ser assumidos”(GOHN, 2016).

Além disso, a maior visibilidade proporcionada pelas redes sociais digitais pode ampliar a adesão de indivíduos que normalmente não se envolveriam com o ativismo social e

¹⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/eleedaUSP> . Acesso: 21/02/2021

político. E quanto maior o contingente de debatedores, maior será a diversidade de opiniões, “o que nos salvaguarda do monologismo de um discurso autoritário”, como aponta Fiorin (2004).

12) Espaço de formação alternativa

Assuntos não discutidos em sala de aula – por desconhecimento ou engessamento dos currículos - ganham lugar nas reuniões e rodas de conversas promovidas pelos coletivos universitários aqui examinados. Trata-se, principalmente, de reflexões sobre novas perspectivas de temas mais antigos, a exemplo das análises feministas que ganharam um recente viés a partir dos estudos pós-decoloniais. A discussão desse tema foi motivo de um encontro *online* de alunas e alunos participantes do coletivo Frente Feminista Limeira, divulgado em *post* de 06 de maio de 2021:

Bom dia! Você já sabe do mais novo projeto que a Frente Feminista trouxe para nós? Se não sabe, eu te conto! Acabou de sair do forninho o Grupo de Estudos "Interseccionalizando". Quer saber mais sobre? A Frente cuida de TUDO e já tem um FAC respondido. O que é o Interseccionalizando? É um espaço criado pela Frente para podermos aprender mais sobre o feminismo pela ótica da mulher negra. Como funciona? Cada semana uma integrante é encarregada de ler um capítulo e discutir sobre ele na reunião. Quem pode participar? Tódes podem participar. É incrível! Coloque nos comentários que tem interesse e iremos te chamar. 😊😊 Quando será? As discussões ocorrerão aos sábados às 14:30. Tem alguma dúvida? Pode me chamar! (2021).

13) Uso de diversos formatos de expressão.

As ações dos coletivos de violência de gênero analisados nesse *paper* são divulgadas em suas páginas e grupos do Facebook e do Instagram a partir de textos escritos, imagens e vídeos, majoritariamente idealizados por seus próprios membros. Existe a prevalência de imagens fixas, mais fáceis e rápidas de serem produzidas, mas também são postados muitos vídeos, gravados e editados de forma amadora.

Muitos coletivos mantêm uma identidade visual nas artes postadas, normalmente a partir da definição de uma mesma paleta para as cores e fontes utilizadas. É o caso do Coletivo Frente Feminista de Limeira. Nas imagens de perfil e capa que dão identidade ao grupo sempre são utilizados tons de lilás, às vezes combinados a outras cores:

Figuras 15, 16 e 17 - Posts do coletivo Frente Feminista Limeira



Fonte: Página da Frente Feminista Limeira no Facebook²⁰

O Coletivo Tarja Preta é o que mais publica vídeos. Trata-se de peças simples, consistindo apenas de uma edição das falas de um ou mais componentes. Um exemplo é o vídeo produzido no final de 2020 para cumprimentar os integrantes pela passagem de ano. Postado somente no Instagram, nele sete integrantes do Tarja Preta recitam um texto de autoria dos ativistas @xu_lia_ e @jerejr, intitulado “Eu sou porque nós somos”.

14) Interatividade e velocidade de mobilização

O uso das plataformas digitais é uma ferramenta imprescindível para o ativismo social, pois facilita interações instantâneas. Essa via de mão dupla permite aos coletivos, dentre várias outras possibilidades, colocar suas questões e obter respostas imediatas, mobilizar rapidamente os ativistas quando do surgimento de algum problema ou denúncia, encaminhar ações urgentes, e até mesmo atualizar informações já postadas.

Considerações finais

A partir das características elencadas nesse *paper* se pode acreditar que a criação dos coletivos em redes sociais digitais contra a violência de gênero nas três universidades públicas paulistas – UNESP, USP e UNICAMP – foi uma decisão acertada, já que as denúncias sobre abusos, assédios e discriminações sofridos por estudantes dentro do espaço acadêmico somente têm a chance de chamarem a atenção da sociedade quando divulgadas no ciberespaço.

Anteriormente à popularização da internet, essas agressões só chegavam ao grande público quando acabavam em morte, situação quase sempre relacionada aos trotes violentos. Hoje, graças aos coletivos criados no Facebook e Instagram, os universitários conseguem não

²⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/frentefem> . Acesso em: 11/02/2021

somente mobilizar a imprensa, mas também forçar gestores e autoridades jurídicas e policiais a tomarem providências, e, talvez, a promoverem a implantação de políticas institucionais de prevenção e enfrentamento.

Referências bibliográficas

BANDEIRA, Lourdes Maria. Trotes, assédios e violência sexual nos campi universitários no Brasil. *Revista Gênero*, v. 17, n. 2, 2017.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 01)* São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FIORIN, José Luiz. *Semiótica e comunicação. Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. ISSN 1982-2553, n. 8, 2004.*

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet.* Porto Alegre: Sulina, 2015.

GLADWELL, Malcolm. *A revolução não será tuitada; os limites do ativismo político nas redes sociais.* Folha de S. Paulo, São Paulo. 12 dez. 2010. *Ilustríssima*, p. 3-5.

GOHN, Maria da Glória *Mobilização da Juventude e Redes Sociais.* In: 68ª Reunião Anual da SBPC, 2016, Porto Seguro - BA. *Anais/Resumos da 68ª Reunião Anual da SBPC.* São Paulo: SBPC, 2016. p. 01-07

_____. *Movimentos sociais e redes de mobilização civis no Brasil contemporâneo.* 7ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura.* Editora 34, 1999.

MELUCCI, Alberto. *Juventude, tempo e movimentos sociais.* *Revista Brasileira de Educação*, v. 5, n. 6, p. 5-14, 1997.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. *Cultura e política: A experiência dos coletivos de cultura no movimento estudantil.* *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 81, p. 179-207, 2008.

PLEYERS, Geoffrey. *Movimientos sociales en el siglo XXI : perspectivas y herramientas analíticas.* 1a ed . - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO, 2018. Libro digital, PDF - (Democracias en movimiento).